

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PAULO MEIRELES BARGUIL**

**UM MAIS UM É SEMPRE MAIS QUE DOIS**

**FORTALEZA (CE)**  
**2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PAULO MEIRELES BARGUIL**

**UM MAIS UM É SEMPRE MAIS QUE DOIS**

Memorial apresentado ao Departamento de Teoria e Prática de Ensino, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para inscrição no concurso de Professor Adjunto, no setor de estudos de O Ensino da Matemática.

**FORTALEZA (CE)**  
**2006**

*O Sal da terra*

Beto Guedes & Ronaldo Bastos

Anda, quero te dizer nenhum segredo  
Falo nesse chão da nossa casa  
Vem que tá na hora de arrumar  
Tempo, quero viver mais duzentos anos  
Quero não ferir meu semelhante  
Nem por isso quero me ferir

Vamos precisar de todo mundo  
Pra banir do mundo a opressão  
Para construir a vida nova  
Vamos precisar de muito amor  
A felicidade mora ao lado  
E quem não é tolo pode ver

A paz na Terra, amor  
O pé na terra  
A paz na Terra, amor  
O sal da Terra

És o mais bonito dos planetas  
Tão te maltratando por dinheiro  
Tu que é a nave nossa irmã  
Canta, leva tua vida em harmonia  
E nos alimenta com seus frutos  
Tu que é do homem a maçã

Vamos precisar de todo mundo  
Um mais um é sempre mais que dois  
Pra melhor juntar as nossas forças  
É só repartir melhor o pão  
Recriar o paraíso agora  
Para merecer quem vem depois

Deixa nascer o amor  
Deixa fluir o amor  
Deixa crescer o amor  
Deixa viver o amor  
O sal da terra

## SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO - EU NASCI HÁ 10 MIL ANOS ATRÁS</i>	04
(1) Conjunto de memórias	05
(2) As relações dessas recordações	05
<i>LEMBRANÇAS (E ESQUECIMENTOS) DE UM ESTUDANTE - CHÃO DE GIZ</i>	07
(1) Eu vou, eu vou, para a escola agora eu vou!	07
(2) A mudança de colégio	08
(3) Em busca de novidades	09
<i>A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O MAGISTÉRIO - VÁRIAS VARIÁVEIS</i>	11
(1) O Bacharelado em Computação	11
(2) A Licenciatura em Pedagogia	13
(3) A sala de aula numa nova perspectiva - I	15
(4) O Mestrado em Educação	17
(5) A sala de aula numa nova perspectiva - II	19
(6) O Doutorado em Educação	22
<i>VISLUMBRES DE UM PESQUISADOR - NOVOS HORIZONTES</i>	27
(1) O Ensino, a pesquisa e a extensão	27
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - ARTIGOS E LIVROS</i>	29
<i>CATÁLOGO - LETRAS DE MÚSICAS E PENSAMENTOS</i>	30

## APRESENTAÇÃO

### EU NASCI HÁ 10 MIL ANOS ATRÁS

(1) Conjunto de memórias. (2) As relações dessas recordações.

*Eu nasci há 10 mil anos atrás*  
Raul Seixas & Paulo Coelho

Eu nasci há dez mil anos atrás  
E não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais  
Eu vi Cristo ser crucificado  
O amor nascer e ser assassinado  
Eu vi as bruxas pegando fogo  
Prá pagarem seus pecados, eu vi  
Eu vi Moisés cruzar o Mar Vermelho  
Vi Maomé cair na terra de joelhos  
Eu vi Pedro negar Cristo por três vezes  
Diante do espelho, eu vi  
Eu vi as velas se acenderem para o Papa  
Vi Babilônia ser riscada no mapa  
Vi Conde Drácula sugando sangue novo  
E se escondendo atrás da capa, eu vi  
Eu vi a arca de Noé cruzar os mares  
Vi Salomão cantar seus salmos pelos ares  
Vi Zumbi fugir com os negros prá floresta  
Pro Quilombo dos Palmares, eu vi

Eu nasci há dez mil anos atrás  
E não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais  
Eu vi o sangue que corria da montanha  
Quando Hitler chamou toda Alemanha  
Vi o soldado que sonhava com a amada  
Numa cama de campanha  
Eu li os símbolos sagrados de umbanda  
Fui criança prá poder dançar ciranda  
Quando todos praguejavam contra o frio  
Eu fiz a cama na varanda  
Eu tava junto com os macacos na caverna  
Eu bebi vinho com as mulheres na taberna  
E quando a pedra despencou da ribanceira  
Eu também quebrei a perna, eu também  
Eu fui testemunha do amor de Rapunzel  
Eu vi a estrela de Davi brilhar no céu  
E pr'aquele que provar que eu estou mentindo  
Eu tiro o meu chapéu

O presente documento, elaborado como requisito parcial para inscrever-me no concurso de Professor Adjunto, no setor de estudos de O Ensino da Matemática, do Departamento de Teoria e Prática de Ensino, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, leva em consideração essa finalidade, motivo pelo qual apenas uma diminuta parte do que experimentei foi contemplada.

Nessa primeira parte, discorro, inicialmente, sobre o ato de recordar, as possibilidades e limitações que o caracterizam, ressaltando a unicidade das lembranças. A seguir, enfatizo o caráter relacional dessas reminiscências.

### (1) Conjunto de memórias

Redigir um memorial significa reescrever a própria história, o que só é possível quando o autor visita as suas memórias, as quais, todavia, não são meras descrições, pois foram guardadas envoltas em emoções. Esse olhar de novo transforma-se, assim, em viver mais uma vez, levando-me a atribuir valores e sentimentos distintos dos originais, pois, ao mesmo tempo, sou e não sou mais aquele que vivenciou esses acontecimentos.

Escolher o que abraçar e, conseqüentemente, o que descartar não é tarefa fácil para o Homem, embora seja indispensável, sob pena de se permanecer imobilizado. O mundo oferece vários atrativos, à mercê de serem considerados pelo indivíduo. Num determinado instante, ele pode assistir à televisão (que tem diversos canais), ler um livro (há inúmeros escritores), ouvir uma música (pode ser de rádio ou de CD, também com um amplo repertório)...

Ao optar por algo, cada pessoa, normalmente, acredita estar fazendo o melhor para si. Ela nunca terá, porém, a certeza disso, porque nunca saberá o que teria acontecido se tivesse feito uma escolha diversa, motivo pelo qual o viver é sempre uma possibilidade (ou várias!). Em todo momento, ela depara-se com situações inesperadas, obrigando-a a mudar de rumo que, há bem pouco tempo, parecia definitivo...

Assim, a complexidade da vida recomenda que se tenha prudência diante dos discursos permeados de exatidão, determinismo e casualidade. Reescrever a minha vida, portanto, demanda, por um lado, uma atitude suave, terna, como a mão de um pai que alisa os cabelos do filho que dorme, por outro, um olhar crítico, detalhista, semelhante ao genitor que conversa com seu rebento sobre algum assunto, explicitando, todavia, a limitação do seu discurso.

### (2) As relações dessas recordações

Penso que o mais importante não é juntar objetos, mas estabelecer vínculos entre eu e eles, de modo que me dêem alegria, prazer. Não simplesmente pela posse, mas pelo que posso, continuamente, desfrutar. Aprendi isso há pouco tempo, quando já tinha feito várias

coleções: selo, cartão de loteria esportiva, chaveiro, moeda, álbum de figurinha, carteira de estudante, postal, cartão telefônico, boletim, revista erótica, kinder ovo ...

Assim, não pretendo apresentar tudo o que vivi, nem poderia fazê-lo, em virtude de limitação da memória, mas realçar alguns fatos que me permitiram, numa atitude ousada, concorrer a uma vaga de Professor na Universidade Federal do Ceará, no curso de Pedagogia, no setor de Ensino da Matemática.

Uma das idéias centrais do presente trabalho é o caráter parcial, condicionado e transitório do conhecimento. Ao afirmar essa característica, não pretendo jogá-lo num poço sem fim do relativismo, mas antes resgatá-lo da dureza do dogmatismo, que o impede de ser visto sempre como uma possibilidade, transformando-o num objeto de posse, de poder e, muitas vezes, de dominação.

Outra idéia que passeia nessas linhas é a beleza do encontro do Homem com seu semelhante, com o meio-ambiente e consigo. Esse ato, porém, não se resume a dimensão física (embora a contemple), mas congrega a afetiva, a intelectual ... Infelizmente, há um desconhecimento generalizado sobre esse ato, fazendo com que haja, muitas vezes, tanto desentendimento e frustração.

Essa falta de sintonia entre os interlocutores verifica-se, também, no ambiente escolar, o que significa dizer a Educação padece de um problema de comunicação que não lhe é inerente, embora a atinja. Em virtude da sua especificidade e do tempo que as novas gerações nas sociedades modernas freqüentam a escola, essa tem um papel significativo a exercer na melhoria da interação que os indivíduos estabelecem, tanto dentro como fora dela.

A falta de entendimento, de compreensão, no sentido amplo, da sutileza, força e potencial do Homem explica, na minha opinião, a maioria dos desencontros entre os professores e alunos, os quais contribuem para que esses, cada vez mais, sintam-se distantes daqueles, do espaço escolar, do saber e até de si mesmos.

Percebo, somente agora, que minha vida tem se pautado pelo esforço de diminuir esses abismos, caminho esse que tem como ponto de partida (e de chegada) eu, numa jornada sem herói, mas com muitas aventuras.

*LEMBRANÇAS (E ESQUECIMENTOS) DE UM ESTUDANTE*

CHÃO DE GIZ

(1) Eu vou, eu vou, para a escola agora eu vou! (2) A mudança de colégio. (3) Em busca de novidades.

*Chão de Giz*

Zé Ramalho

Eu desço dessa solidão  
Espalho coisas sobre um chão de giz  
Há meros devaneios tolos a me torturar  
Fotografias recortadas em jornais de folhas amiúde  
Eu vou te jogar num pano de guardar confetes (2x)

Disparo bala de canhão  
É inútil pois existe um grão-vizir  
Há tantas violetas velhas sem o colibri  
Queria usar, quem sabe, uma camisa de força ou de vênus  
Mas não vou gozar de nós apenas um cigarro  
Nem vou lhe beijar gastando assim o meu batom

Agora pego um caminhão  
Na lona vou à nocaute outra vez  
Pra sempre fui acorrentado no seu calcanhar  
Meus vinte anos de “boy that’s over, baby”  
Freud explica

Não vou me sujar fumando apenas um cigarro  
Nem vou lhe beijar gastando assim o meu batom  
Quanto ao pano dos confetes já passou meu carnaval  
E isto explica porque o sexo é assunto popular

No mais estou indo embora (3x)  
No mais

A segunda seção é dividida em três momentos: a primeira para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I (1973-1978), a segunda para o Ensino Fundamental II (1979-1982) e a terceira (e última) para o Ensino Médio (1983-1985).

(1) Eu vou, eu vou, para a escola agora eu vou!

Talvez a minha lembrança mais antiga de colégio seja de 1973, quando eu, com cinco anos, no Colégio Visconde de Sabugosa, num final de manhã, no mês de agosto, gravava com a ajuda de um adulto num porta-caneta de madeira meu nome, lembrança a ser entregue ao meu pai. Há pouco tempo, ele me representou o mimo, o qual repousa em cima da minha mesa de estudo.



As imagens de 1975 a 1978, quando estudei no Colégio Santa Cecília, são várias e quase sempre em movimento, em virtude do excesso de energia física: correndo nos corredores, brincando de pega-pega, conversando com o motorista das freiras, chupando picolé de morango no horário de aula, jogando futebol, aprontando alguma estripulia na sala de aula, ...

Recordo-me, ainda, das eleições para representante de sala, a qual eu costumava concorrer, após um discurso, e ganhar na categoria de esportes (havia ainda a estudantil e a cultural). E, como poderia deixar de falar na maior das danações, quando, na 4ª série, a professora não autorizou a sair pela porta durante a aula e eu, num ato de irreverência única, obedecendo e desobedecendo ao mesmo tempo, pulei a janela?

Não esqueci, igualmente, das idas à Diretoria, e, principalmente, daquela que acredito que tenha sido a maior injustiça cometida contra aquele menino alegre e saltitante, com conseqüências profundas e duradouras. Desde a 2ª série, era responsável pela distribuição e guarda do material escolar, desempenhando com afinco e esmero tal atribuição. Sem qualquer conversa, nem fato superveniente que o justificasse, fui surpreendido em 1978 com a retirada dessa tarefa.

Não bastasse essa paulada, tentaram a todo custo me domar, com a imposição de normas rígidas de disciplina, o que aumentou ainda mais a minha revolta, expressa na insubordinação que se manifestava de várias formas, inclusive pulando a janela... Quando a Diretora chamou meus pais para uma conversa, indagou-lhes o que estava acontecendo em casa, pois eu estava “demais”. Eles se limitaram a dizer que estava tudo bem.

Posteriormente, ao me indagarem sobre a minha conduta escolar, respondi-lhes: “Metade da responsabilidade é minha, a outra metade é das irmãs!”, revelando a compreensão, mesmo que intuitiva, de que todos os envolvidos na relação têm um papel no seu sucesso, bem como no seu fracasso.

Diante dos sinais de que seriam “convidados” no final do ano para receber a minha transferência no final do ano, meus pais, sem me consultar, resolveram me matricular num outro colégio (Christus). Essa mudança, tanto pelos motivos como pela forma que ocorreu, foi um marco na minha vida pessoal.

## (2) A mudança de colégio

Embora, em ambos os estabelecimentos, a educação fosse tradicional, é inegável que nesse novo espaço senti as diferenças advindas tanto da disparidade dos projetos pedagógicos

implantados (naquele mais vivencial, nesse mais conteudista), como da transição do 1º grau menor para o maior (denominação da época, que equivale atualmente a Fundamental I e II, respectivamente).

Nunca fui um aluno CDF, embora tirasse boas notas. Aprendi desde cedo como sobreviver nesse modelo de ensino baseado em transmissão de conhecimento. Minha estratégia era simples: prestar atenção nas aulas e realizar, sempre que possível, os exercícios insertos nos livros didáticos e nos Trabalhos Dirigidos (TDs), que seguiam o modelo clássico de pergunta-resposta. Infelizmente, meu desejo de discutir sobre os problemas sociais não eram, nem de longe, contemplados, aumentando a minha insatisfação.

Mais tarde, quando fui aluno do curso de Pedagogia, percebi que a questão corporal era totalmente ignorada, tanto no conteúdo das disciplinas, como na forma como elas eram ministradas pelos professores. A despeito de existir um discurso progressista professado nas aulas, ele não ecoava nas salas e corredores, pois a dimensão holística do homem, as emoções, a sensibilidade não eram consideradas amiúde.

Na Pós-Graduação, particularmente no Doutorado, compreendi que a forma como o homem lida com sua corporalidade (e o controle do seu comportamento) não são universais, mas são elaborações sociais, fruto de um processo histórico. Interagindo de forma dinâmica com o seu meio social, o homem atua na realidade, ao mesmo tempo em que recebe dela influências, atualizando, continuamente, a sua forma de pensar, sentir e agir (GONÇALVES, 1994: p. 13).

Assim, a principal consequência dessa mudança de colégio foi o aprofundamento do aprisionamento do meu corpo, inúmeras as restrições de movimento, deslocamento, impostas em quase todas as atividades desenvolvidas. Esse marca também se manifestava nas aulas de Educação Física, onde o corpo era normalmente tratado como algo merecedor de disciplina, constituindo-se a dimensão física numa fonte de punição para aqueles que insistiam em transgredir as normas de comportamento social estabelecidas pelos adultos.

Esse drama pessoal não é privilégio meu, pois representa uma lógica mais profunda, própria do sistema capitalista, que deseja a submissão de corpos e espíritos para diminuir a margem de incerteza:

O corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela, assim, não somente sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade. Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social. (GONÇALVES, 1994: p. 13-14).

Ora, quem está preso só pensa em fugir. Comigo não poderia ser diferente. Na tentativa de descobrir horizontes, ao concluir o Ensino Fundamental, prestei concurso para a (então) Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE, hoje CEFETCE, Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará), para o curso de Estradas, na falta de uma opção que mais me agradasse, e fui aprovado.

Começaria eu aqui uma nova etapa na vida escolar?

### (3) Em busca de novidades

A mudança de colégio, em 1983, não foi um sucesso e chegou perto de ser um fracasso acadêmico, pois, eu quase perdi o semestre, em virtude da minha falta de compromisso com os estudos, expresso nas aulas gazeadas para jogar xadrez e ping-pong. Para quem sempre havia estudando em escolar da rede particular, foi interessante estudar numa escola pública e conhecer alunos egressos em sua maioria dessa rede.

O discurso profissionalizante não me seduziu, muito pelo contrário, diria até que me assustou, tendo em vista que, no Christus, eu sempre ouvia falar em aprovação no vestibular, aspiração pouco freqüente na ETFCE. Em virtude da não adaptação, voltei no semestre seguinte ao antigo ninho.

Em 1984, sequioso de novas experiências, notadamente para morar longe dos meus pais, mudei-me para Belém (PA). Estudei no Colégio Moderno, o qual, a despeito do nome, tinha uma proposta pedagógica similar a do Christus, valorizando a disciplina e a transmissão do conteúdo. Por motivos familiares, tive que retornar no 2º semestre para Fortaleza. Onde me matriculei?

Concluir o Ensino Médio nunca foi, para mim, propriamente um desafio. Passar no vestibular, sim! Mas, para que curso fazer? As faculdades tradicionais de Medicina, Engenharia e Direito não me atraíam. Sempre gostara de fazer contas de cabeça, desde a época do Colégio Santa Cecília, tão logo a professora escrevia o problema eu já enunciava a resposta.

Essa facilidade, bem como de calcular percentual, se manteve constante até o 3º ano do Ensino Médio, fazendo com que eu cogitasse a possibilidade de escolher Estatística. O pouco conhecimento, porém, dessa opção bem como a valorização da emergente carreira de Analista de Sistemas, contribuíram para que eu decidisse por tal carreira. Passei nas três universidades e escolhi a Universidade Federal do Ceará (UFC) como meu próximo destino.

## A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O MAGISTÉRIO

### VÁRIAS VARIÁVEIS

(1) O Bacharelado em Computação. (2) A Licenciatura em Pedagogia. (3) A sala de aula numa nova perspectiva – I. (4) O Mestrado em Educação. (5) A sala de aula numa nova perspectiva – II. (6) O Doutorado em Educação.

#### *Várias variáveis*

Humberto Gessinger, Augusto Licks & Carlos Maltz

(Solo de guitarra)

A terceira seção é dividida em seis momentos: a primeira graduação (1986-1990), a segunda graduação (1990-1994), as primeiras experiências como profissional da Educação (1994-1995), o Mestrado em Educação (1996-1999), as experiências como professor/pesquisador (de 1999 em diante) e o Doutorado em Educação (2000-2005).

#### (1) O Bacharelado em Computação

Após a euforia inicial pela aprovação, vivenciei um processo de frustração pelo curso escolhido. Poucas disciplinas me interessavam, ao contrário dos meus colegas que vibravam com elas. Eu queria discutir a realidade, entender a pobreza e a violência crescentes, o porquê de crianças estarem nas ruas, enfim, das complexas relações sociais.

Nos momentos de (in)decisão, costuma-se dizer que se deve seguir a voz do coração. Eu não me sentia inteiro, completo, quando estudava Computação. Apesar da minha fascinação pela tecnologia e suas inúmeras conquistas, sentia falta de conversar e discutir sobre algo que julgava mais importante: o Homem, expressão máxima da vida. Essa sede vinha aumentando consideravelmente desde o início de 1988, quando ingressara no Grupo de Jovens São Vicente de Paulo. O ambiente de conhecimento e vivência da Palavra de Deus foi um aspecto que influenciou bastante na escolha que fiz. Havia três cursos que me interessavam: Direito, Psicologia e Pedagogia. Vou descrever o que pensei na época sobre essas opções.

Por serem meus pais advogados e minha irmã estar concluindo esse curso, tinha alguma noção do que estava a me esperar. Em suma, para mim, essa profissão está pautada na necessidade de derrotar o outro lado, para que aquilo que você entende ser a Justiça prevaleça. O litígio e a discussão são elementos *sine qua non* para haver Direito. Claro que buscar e conquistar uma vitória é excitante, mas os seus caminhos, por vezes tortuosos, me afugentaram dessa seara profissional.

Eu era (e sou cada vez mais) apaixonado pela Psicologia. Apesar de não ter lido nenhum clássico da área, gostava de ficar analisando a realidade, especulando-a, seja lá qual fosse. Lembro-me de que uma das matérias que mais gostava na escola era História. Adorava saber, com as limitações impostas pela minha idade e pelas fontes disponíveis, dos fatos históricos, das conquistas e das transformações. Meu interesse não se prendia somente ao passado, também gostava de acompanhar as notícias da realidade, fosse através de revistas, jornais ou TV. Vivi minha adolescência no período da abertura política, quando, teoricamente, a liberdade de expressão voltou a ser exercida pela sociedade civil.

Tinha um gosto pela leitura, embora não me considerasse um leitor voraz. Além dos livros de História, dois autores marcaram intensamente a minha adolescência: Huberto Rohden e Carlos Mesters. A visão de Deus e de vida do primeiro aguçou o meu gosto pela Filosofia, enquanto a profundidade do segundo, na análise e desvelamento da Bíblia, feitas numa beleza e sensibilidade indescritíveis, expressão de seu amor pelo povo de Deus, me marcou para sempre.

Mas, o que História tem de relação com Psicologia? Para mim, de certo modo, ambas tratam do mesmo objeto de estudo: a vida do Homem, marcada de mistérios e porquês, de mudanças e contradições. Uma se dedica à esfera macro – a Humanidade – a outra à micro – o Homem individual. A mudança me fascina! Assim, apesar de saber que o espaço terapêutico é uma opção para se melhorar a qualidade de vida, testemunho nesse sentido, acreditava que eu poderia, permita-me essa alegoria, em vez de ajudar a árvore a voltar ao seu eixo, a Psicologia, ensiná-la a crescer direitinho desde o começo, a Pedagogia.

O Homem está sempre aprendendo, aprendizado que se expressa em mudanças. Em alguns momentos, é mais fácil percebê-las, noutros é mais difícil. Há alguns tipos mais perceptíveis e mensuráveis, porém há outros que são interiores e, por isso, intangíveis.

Com o passar dos anos, a minha opção pela transformação da realidade não se aplacou, muito pelo contrário, só crescia. A perspectiva de ser um profissional submetido à lógica do capital, uma vez que a tecnologia é quase sempre utilizada para incrementar o lucro em detrimento do capital humano, inquietava-me profundamente.

Então, quando vivi aquele momento de incerteza quanto ao meu futuro profissional, caiu nas minhas mãos um livro escrito por Paulo Freire, originalmente em espanhol, em razão do exílio imposto quando do movimento militar de 1964: *Educação e Mudança*. Esse foi meu 1º encontro com o seu pensamento e a sua peculiar leitura da vida e a sua marcante compreensão do valor da educação:

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. (FREIRE, 1982: p. 27-28).

No último semestre do curso, inspirado no meu xará Pernambucano, optei por uma profunda mudança de rumo: troquei uma (talvez) promissora carreira de Analista de Sistemas pela de Professor. O resultado do vestibular para o curso de Pedagogia saiu no mesmo dia (06 de fevereiro de 1990) em que me tornei Bacharel em Computação...

Apesar da pouca satisfação com esse curso, tenho boas lembranças do período: a participação no Centro Acadêmico, o que me permitiu trocar idéias e conhecimentos com professores e alunos e a oportunidade de ser monitor da disciplina de Introdução à Computação, já fruto do meu desejo de socializar o que havia aprendido de forma mais sistemática.

Reputo como a mais importante aprendizagem desse período a compreensão do papel do Analista de Sistemas no desenvolvimento de *softwares*. A condição mais importante para o sucesso do sistema, expresso na satisfação do usuário, não é o conhecimento das mais modernas ferramentas tecnológicas. É necessário que esse profissional saiba se comunicar com quem vai, efetivamente, interagir com o *software*, tanto para compreender as suas demandas atuais e as futuras (que costumam surgir com a chegada de computadores), como para formular uma visão integrada, que o usuário não costuma ter.

Dessa forma, o sistema não é entendido como uma obra definitiva, fechada, mas como uma obra que permite melhorias e novas funções, posto que em interação com a realidade, a qual está em constante transformação. Usuário, sistema e analista, portanto, são elementos fluidos, apesar da materialidade. A negação do movimento equivale a condená-los à morte, mesmo que a longo prazo.

## (2) A Licenciatura em Pedagogia

A alegria do ingresso na Faculdade de Educação (FACED) era grande, embora meu plano inicial fosse apenas cursar algumas disciplinas para tentar, posteriormente, o Mestrado. Após uma tentativa não bem sucedida de ingresso na Pós-Graduação, decidi que talvez fosse melhor concluir o curso e depois, então, empreender nova incursão.

No início de 1990, ingressei, através de concurso público, no Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, onde permaneço até hoje, como nível médio. Desde então, se por um

lado, essa estabilidade no emprego permitiu que eu me avançasse na formação educacional, por outro, foi um fator limitante, em virtude da necessidade de cumprir jornada diária de sete horas, durante todos esses anos.

Infelizmente, a minha escolha pela Educação não era partilhada pela maioria dos meus novos colegas, os quais, em sua maioria, preferiam estar cursando Psicologia ou Direito, mas em virtude do fracasso no vestibular acabaram vindo parar nesta seara. A profundidade desse “detalhe” só foi melhor compreendida muitos anos depois, quando lecionei nos cursos de Formação de Professores, a nível universitário.

No 2º semestre de 1991, comecei a participar das reuniões do grupo FEDATHI, composto por professores de Matemática da UFC, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da rede pública estadual, que discutia, estudava e elaborava material didático para o ensino da disciplina.

No início de 1992, esse grupo foi responsável pelo módulo de matemática no Curso de Formação de Multiplicadores, iniciativa do Governo do Estado do Ceará, tendo eu assumido uma das turmas. O conteúdo desse treinamento constava dos seguintes tópicos: percepção de número, sistema decimal de numeração, operações fundamentais, frações decimais, operações com frações, dentre outros.

Essa minha primeira experiência como professor foi gratificante e teve desdobramentos: convidado por alguns alunos daquela turma, passei um final de semana em Massapé, onde pudemos aprofundar a discussão dos temas bem como permitir que eles criassem maior familiaridade com o material concreto, composto de Quadro Valor de Lugar (QVL) e Ábaco. Outra consequência foi o ingresso, em março de 1992, como bolsista de iniciação científica da UFC, na pesquisa *Ensino da Matemática*, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Iorio Dias.

Em virtude de aprovação, na mesma época, na monitoria da disciplina *Psicologia do Desenvolvimento Aplicada à Educação*, interrompi as minhas atividades naquela pesquisa no final do mês de abril. Essa experiência, desenvolvida sob os cuidados da Prof.<sup>a</sup> Gláucia Maria de Menezes Ferreira, foi bastante proveitosa em virtude de ter permitido o aprofundamento dos conteúdos programáticos, a condução de seminários e o esclarecimento de dúvidas dos alunos, simulando, dessa forma, atividades docentes. Uma síntese desse período foi apresentada no I Encontro de Iniciação à Docência, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação, da UFC, cujo resumo consta nos anais do Encontro.

No ano seguinte, de março a dezembro, mais uma vez sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Iorio Dias, participei, como bolsista de iniciação científica da UFC, da pesquisa

*Alfabetização e classe social:* relações e implicações do discurso dos professores e dos livros didáticos. A partir da análise de livros, cartilhas e depoimentos de alfabetizadores, ficou caracterizada a discrepância entre as concepções de alfabetização do material didático e das professoras, bem como a dificuldade dessas em aceitar que o aluno oriundo de classe popular não se encaixe no modelo de aluno ideal. Essa dupla falta de sintonia tem como consequência mais grave os altos índices de reprovação nas séries iniciais nas escolas públicas. O resumo desta pesquisa consta nos anais do XII Encontro Universitário de Iniciação à Pesquisa, promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

Nesse mesmo ano, participei como Professor do Projeto de Extensão Estágio Curricular – Realidade e Vivências, promovido pelo Departamento de Teoria e Prática do Ensino, da FAGED/UFC, tendo ministrado o curso *Sistema de numeração e operações fundamentais*.

Embora tenha cursado toda a minha vida escolar (primária e secundária, na época) em escola particular, nunca fui totalmente alheio às condições de funcionamento da escola pública, uma vez que costumava ler o jornal e assistir aos telejornais. Na Faculdade de Educação, em diversas ocasiões, seja através de leituras de textos, que fomentavam discussões em sala de aula, seja através de visitas esporádicas às instituições públicas, seja nos Estágios I (numa classe de alfabetização) e II (numa turma do curso Normal), tive a oportunidade de conhecer as estruturas físicas desses colégios, que costumam oscilar entre precárias e razoáveis.

A conclusão do curso de Pedagogia, em julho de 1994, foi acompanhada de um fato marcante na vida pessoal e profissional: fui morar em Pacoti, cidade do interior do Estado, pois, estando à época, requisitado pela Justiça Eleitoral, solicitei a minha lotação naquela cidade.

### (3) A sala de aula numa nova perspectiva – I

Durante muitos anos, imaginei que seria feliz se residisse num local pequeno, tranquilo. Nem desconfiava que o batismo do meu diploma estivesse perto de acontecer e quão movimentado ele seria... Poucos dias após a minha mudança, fui convidado para lecionar em duas cidades vizinhas: Guaramiranga e Palmácia. Na primeira, na Escola Estadual de 2º Grau Zélia de Mattos Brito, quatro disciplinas do 2º ano do curso de Magistério me aguardavam (Didática da Língua Portuguesa, Didática da Matemática, Fundamentos Filosóficos e Fundamentos Psicológicos); na segunda, dois colégios, com



distintas clientela e matérias: na Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC, o desafio era lecionar Inglês para as crianças da 5ª e 6ª série, além de Redação, para as da 7ª; na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Maria Amélia P. Sampaio, a disciplina era Didática da Matemática, para alunos do 3º e 4º anos do curso de Magistério.

As atividades nos cursos de Magistério eu desenvolvia no turno da noite, enquanto as do Ensino Fundamental no período da manhã, uma vez que laborava de tarde. A minha experiência de professor viajante foi intensa e dela tenho ótimas lembranças.

Em Palmácia, tinha a oportunidade de conversar com outros professores do colégio estadual e trocar idéias sobre o ensino, os alunos e o curso. Em Guaramiranga, por outro lado, se eu não tinha essa possibilidade, pois mais da metade do curso estava sob os meus cuidados, criei fortes laços com a turma, até porque ela tinha apenas quinze alunos.

Eu gostava muito de estar em sala de aula, embora o pouco interesse dos alunos, por vezes percebido, me incomodasse profundamente. Isso era ainda mais inquietante quando ocorria nas turmas de formação de educadores, em virtude da qualidade do profissional que estava sendo preparado. Desde cedo aprendi que não posso controlar o outro, embora seja minha responsabilidade aferir se aquele estudante está apto ou não para desempenhar as atribuições docentes.

Isso não significava, todavia, que a avaliação era o momento de acertar as contas com os alunos, mas que ela era a possibilidade que eles tinham de mostrar o que tinham aprendido durante o percurso. No caso da Didática da Matemática, o curso tinha duas dimensões complementares: teórica (discussão do referencial construtivista, enaltecendo a necessidade de considerar e valorizar o conhecimento trazido pelo aluno do seu cotidiano, o qual deveria ser visto como ponto de partida, contemplando dessa forma a dimensão cognitiva, cultural e afetiva do estudante) e prática (utilização do material didático, notadamente o QVL, construído pelos alunos para uso pessoal, como se fosse uma calculadora...).

Infelizmente, devido a questões burocráticas no Tribunal Regional Eleitoral, tive que retornar para Fortaleza no final do ano. Apesar disso, em 1995, continuei lecionando em Guaramiranga, na Estadual de 2º Grau Zélia de Mattos Brito, a disciplina Didática da Matemática, para alunos do 2º e 3º anos do curso de Magistério, e em Palmácia, na Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC, ministrei uma revisão dos conteúdos de matemática da 5ª a 8ª séries.

No final desse ano, obtive êxito na seleção do Mestrado em Avaliação Educacional, promovido pelo Departamento de Fundamentos da Educação, da FACED/UFC.

#### (4) O Mestrado em Educação

Ao ingressar no mestrado, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais a trajetória da Humanidade no esforço de dar significado ao mundo. Procurando resolver um mal-estar que me acompanhava há vários anos – como é que o aprender, marca indelével da existência humana, pode ser sinônimo de sofrimento, de tortura, de revolta? – decidi investigar as relações entre o saber e a avaliação, procurando explicações mais abrangentes para as práticas escolares avaliativas: i) as inúmeras descobertas científicas revelam o caráter processual não somente do conhecimento mas da vida; ii) as lições ensinadas pela avaliação escolar ultrapassam, em muito, as conseqüências meramente acadêmicas.

Nos anos da pós-graduação, procurei desempenhar papéis mais flexíveis, fruto do esforço para melhor compreender o alerta de Freire (1997, p. 100-101):

É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor. Para isso, como aluno que hoje sonha com ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje devo ter como objeto da minha curiosidade as experiências que venho tendo com professores vários e as minhas próprias, se as tenho, com meus alunos.

O mundo é, constantemente, palco de mudanças, de transformações. Algumas mais fáceis de identificar, sentir, outras nem tanto, pois o Homem estabelece inúmeras relações invisíveis, mas nem por isso inexistentes, com a sua realidade. Convicto disso e inspirado em Coreth (1973, p. 69), batizei minha tese de *Há sempre algo novo!*:

O homem nunca se acha definitivamente preso a certo ambiente limitado e a determinada concepção do mundo. Ele é essencialmente aberto para um mundo aberto, i.e., o próprio mundo está aberto para uma realidade que é mais ampla que o círculo de nosso saber e compreensão. Por isso, perguntando e investigando, ultrapassamos os limites de nosso mundo atual. Fazemos experiências nas quais nosso horizonte continuamente se alarga e se aprofunda. Aprendemos a conhecer outros homens, outros povos ou línguas, outras épocas históricas ou situações, compreendendo todos eles em seu próprio modo de pensar.

A Dissertação de Mestrado, posteriormente publicada (BARGUIL, 2000), permitiu-me avançar no entendimento do papel que a Educação (querendo ou não) desempenha numa sociedade industrial, que tem como uma das suas principais características a padronização dos seus produtos, pois a massificação permite atingir uma maior quantidade de pessoas. O preço a ser cobrado do Homem é a negação da sua individualidade, subjetividade.

Acredito que a escola, porém, pode (e deve) contribuir no desenvolvimento das potencialidades de cada pessoa, não através de uma pedagogia espontaneísta, que tudo permite, deixando o aluno livre para desabrochar naturalmente os seus talentos. É necessário que ela adote um projeto educacional que privilegia a socialização, a troca de saberes, a valorização das diferenças (e o respeito a elas) e a consulta de diversas fontes de conhecimento.

Não julgo sensato e proveitoso passar o resto da vida querendo entender o passado ou tentando ignorá-lo. Porém, ele contém sonhos e utopias, que contribuem para o meu compromisso de ser feliz aqui e agora – espaço e tempo presentes. O Homem deve aprender a voar no passado, presente e futuro – dimensões temporais que nele se fundem, à espera de uma sábia e proveitosa extração das riquezas inerentes a cada momento.

A rotina escolar pautada em transmissão de conteúdo promovido pelo professor (ou de quem as suas vezes fizer, o computador, por exemplo), e verificação de aprendizagem, através de procedimentos avaliativos padronizados, precisa de uma arquitetura linear, previsível, que possibilite o controle, a disciplina, a rápida e eficiente verificação, expedientes que impedem que o sujeito desenvolva a autonomia.

Ora, é a partir de si, das suas experiências e angústias, que a pessoa estabelece com o mundo uma atitude de troca. Para tanto, uma proposta pedagógica caracterizada pelo diálogo, fundado a partir do respeito mútuo que visa ao crescimento global de todos os envolvidos, precisa de um espaço físico diverso do que tradicionalmente tem se utilizado (a discussão sobre a dimensão física do espaço escolar viria a ser tema da minha Tese de Doutorado).

A Dissertação de Mestrado representou meu esforço inicial, enquanto pesquisador, de contribuir com a Educação, discutindo valores tão esquecidos no discurso e práticas escolares: respeito e admiração, condições necessárias para que haja diálogo, e, conseqüentemente, aprendizado. Aceitando as limitações pessoais, de todos os tipos, o Homem se abre ao mundo, sem receio de admitir que ele é apenas um pequeno grão de areia, renunciando à crença de que é o oceano, embora dele faça parte!

O seu temor de abrir mão de verdades, dada a possibilidade de ficar perdido, contraria a sua natureza: um aprendiz voraz. É como Freire (1997, p. 153) explica: “Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.”

Em 1997, publiquei o artigo *Voltemos às próprias coisas: o convite da Fenomenologia*, escrito com Raquel Crosara Maia Leite, no qual abordamos a contribuição de

Edmund Husserl na elaboração de um método de conhecimento que, superando os vigentes (positivismo, psicologismo, aristotelismo e cartesianismo), oferecesse mais segurança nas investigações filosóficas e científicas.

Concluído o Mestrado, em maio de 1999, uma nova fase como professor foi vivenciada. Tendo em vista que, desde então, desenvolvi diversas atividades, muitas das quais, paralelamente ao Doutorado, resolvi abordá-las todas no próximo tópico.

#### (5) A sala de aula numa nova perspectiva – II

Mais uma vez, encerrada uma fase acadêmica, fui logo entrando em sala. No 2º semestre de 1999, na qualidade de professor visitante, lecionei na UECE três disciplinas do curso de Pedagogia: Educação Infantil, Ensino da Matemática e Pesquisa Educacional.

Na cadeira de Educação Infantil, foram contemplados os seguintes tópicos: a noção de infância, enquanto construto sócio-histórico, a importância das contribuições teóricas de Rousseau, Pestalozzi, Fröbel, Freinet, Montessori, Piaget e Vygotsky, a sua história no Brasil e as funções e metodologias empreendidas, os desafios dela no Ceará e a legislação pertinente.

O conteúdo da disciplina de Pesquisa Educacional versava sobre: a vocação ontológica do Homem de entender a realidade e criar significado, a Ciência como uma alternativa para conhecer o mundo e a pesquisa o instrumento adequado, os temas educacionais relevantes, as possibilidades de se investigar e a estruturação de um projeto de pesquisa. Foram destacadas ainda: i) a impossibilidade de neutralidade do pesquisador, tendo em vista a sua inserção social e as consequências da sua produção; ii) a importância da criticidade, curiosidade e curiosidade em todas as fases da pesquisa.

Os principais objetivos do Ensino da Matemática eram: destacar a presença da matemática no mundo, conhecer a teoria de Piaget e as suas implicações para o ensino daquela (notadamente no que se refere à construção do conceito de número pela criança), compreender o sistema de numeração decimal como uma possibilidade de contagem elaborada pelo Homem, entender as operações fundamentais como representação das situações cotidianas, aprender a construir e utilizar material concreto em sala de aula para promover a aprendizagem e, finalmente, discutir as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da proposta curricular do Estado.

Dessa forma, acreditava oferecer aos alunos do penúltimo semestre desse curso uma fundamentação epistemológica, que considera e valoriza o esforço da criança na elaboração

de explicações, um suporte metodológico, com a integração de material concreto na resolução dos problemas e, por fim, uma visão crítica dos documentos redigidos pelos poderes públicos quanto ao ensino dessa disciplina.

A avaliação dos alunos era composta de três momentos: auto-avaliação, uma prova escrita e uma prova prática. O primeiro momento era, de um modo geral, uma novidade, que foi bem recebida. O segundo, apesar de ver um velho conhecido, recebia muitas críticas, com o pedido para que fosse transformado em trabalho consultado ou prova em dupla. A repulsa de alguns deles em responderem questões simples sobre o conteúdo abordado em sala não me sensibilizava, pois acho imprescindível saber até que ponto o futuro profissional articula (ou não) os temas mais significativos discutidos durante o semestre.

O terceiro momento consistia na resolução de duas operações fundamentais (soma e divisão ou subtração e multiplicação) com a utilização do QVL. Essa opção reside no fato de que, conforme inúmeras pesquisas, a maioria dos alunos não sabem resolver contas simples e a adoção desse material didático pode auxiliá-los nessa tarefa, uma vez que pode permitir a transição da estratégia utilizada (heurística) para o algoritmo valorizado pela escola, que tem uma lógica diversa.

Em julho de 2000, lecionei a disciplina Ensino da Matemática, no curso de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio, promovido pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). A turma era formada de professores que há vários anos exerciam a profissão. Assim, o desafio posto era auxiliá-los (e a mim também!) a compreender as dificuldades de ensino enfrentadas por eles à luz das reflexões do referencial escolhido por mim, que valoriza a participação do sujeito na elaboração do conhecimento, considerando as experiências por ele vivenciadas.

A proposta de trabalho contemplava, além dos pontos referenciados quando da experiência na UECE, os números fracionários e as operações entre eles, a necessidade e a variedade de medidas e a multiplicidade de formas no espaço.

No final desse ano, participei, junto ao UNICEF, na qualidade de pesquisador sênior, Avaliação do Projeto Selo Unicef – Município Aprovado (que é concedido para aqueles municípios que desenvolvem ações eficazes nas áreas de Educação e Saúde destinadas às crianças). Na ocasião, visitei Brejo Santo e Orós e entrevistei, respectivamente, noventa e uma e setenta e cinco pessoas. A amostra era composta de populares, membros da administração direta vinculados às áreas investigadas, profissionais dessas áreas e participantes do Conselho de Defesa dos Direitos da Criança e do Conselho Tutelar.

O objetivo era saber, levando-se em consideração os diversos segmentos investigados, qual havia sido o impacto da conquista do Selo Unicef – Município Aprovado para a comunidade. De modo geral, apenas as pessoas mais envolvidas com a administração tinham conhecimento do Selo, sabiam informar os programas porventura desenvolvidos, se ele havia sido ganho ou não e tinham conhecimento do Informativo distribuído pelo UNICEF.

Essa experiência permitiu-me perceber o quão difícil é a divulgação de informações e de como máquina estatal, de modo geral, não se preocupa em ampliar a participação popular em momentos que dizem respeito diretamente à qualidade de vida da coletividade. Isso é particularmente dramático, tendo em vista que a Educação costuma ser contemplada com ações de impacto, enunciadas por meio de vigorosas propagandas, sem que aquelas, efetivamente, acabem não sendo acompanhadas e enriquecidas por aqueles que seriam os maiores interessados: professores, alunos e a comunidade.

No primeiro semestre de 2001, ministrei a metade da carga horária da disciplina *Filosofia da Educação*, no curso de Linguagens e Códigos, do Programa Magister/UFC.

Em 2002, de fevereiro a abril, ministrei a disciplina *Conceitos de inteligência*, no curso de Licenciatura Plena em Educação Infantil, na UVA. Em virtude da inexistência de qualquer cadeira referente à Psicologia na grade curricular, resolvi batizá-la como *Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança*. Contemplei, dentre outros temas, o desenvolvimento infantil global (físico, afetivo, intelectual e social), teorias da aprendizagem (behaviorista, cognitivista, humanista, construtivista e sócio-histórica), aspectos da aprendizagem (memória, percepção, criatividade, relação professor-aluno e auto-estima), possibilidades e limitações do pensamento infantil e o ingresso da criança na escola.

Em setembro de 2003, ministrei o Seminário *Conceitos de inteligência*, no curso de Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional, na UVA. Em virtude da reduzida carga horária, privilegiei uma discussão do conceito de inteligência, da dimensão social, bem como das novas idéias apresentadas por Howard Gardner (Inteligências Múltiplas) e Daniel Goleman (Inteligência Emocional) e a necessidade de buscar um equilíbrio entre emoção e razão.

Tendo em vista essas experiências no magistério, percebo a importância que atribuo a uma ampla compreensão do processo de aprendizagem, o qual antecede o de ensino. Acredito que a não consideração das peculiaridades dos processos dos alunos, para além da dimensão cognitiva, explica, em grande parte, o fracasso da Educação no Brasil, notadamente nas escolas públicas.

A dificuldade de implementar uma nova dinâmica na sala de aula não se resume somente à escassez de idéias revolucionárias, nem da escrita de projetos político-pedagógicos democráticos. Mas, por que será que é tão difícil para nós professores adotarmos uma atitude que valoriza os conhecimentos dos alunos e reconhece a necessidade dos saberes se transformarem em vida?

É necessário quebrar esse círculo (im)produtivo de educadores preocupados excessivamente com transmissão de conteúdos e propiciá-los a oportunidade de compreender, a partir de suas próprias vidas, o papel desempenhado pela motivação, interesse e curiosidade. Da mesma forma, eles precisam aprender a trabalhar de modo cooperativo, valorizando e respeitando as diferenças, enriquecendo o produto final e a sua capacidade de elaborar saber.

A realidade social, permeada de injustiças e de sutis e profundos mecanismos de alienação, também deve ser considerada, afinal é nesse contexto que eles desempenham o seu mister. É, portanto, a partir do desconforto com o que está posto que o educador, num processo dialógico com seus alunos, elegerá os saberes que são necessários tanto para a sobrevivência do corpo discente como para a transformação do ambiente.

Para exercer satisfatoriamente a sua profissão, o professor precisa, dentre outras coisas, de uma infra-estrutura razoável, que, além de propiciar aos envolvidos uma sensação de bem-estar e conforto, permita propor atividades que apurem a capacidade dos alunos para investigar, explorar, utilizando várias fontes de consulta.

A dimensão física da escola e a influência dela no que os alunos e os professores fazem, sentem e aprendem nela, foi contemplada na minha Tese de Doutorado.

## (6) O Doutorado em Educação

Ao ingressar no Curso de Doutorado, meu projeto original versava sobre interdisciplinaridade, impulsionado pela crescente utilização do vocábulo numa variada quantidade de produções acadêmicas – o que era facilmente constatado não somente na área da Educação, mas em outros campos do conhecimento – e pela esperança de que ela pudesse, efetivamente, promover as mudanças há tanto tempo esperadas.

A apreciação minuciosa de algumas obras específicas sobre esse tema despertou uma intuição (pesquisador também tem e deve usá-la!) que me apontava a necessidade de esquadrihar o surgimento da Ciência Moderna, para compreender os acontecimentos escolares, pretéritos e presentes. Ao mesmo tempo, comecei a achar que a tarefa que eu havia

proposto realizar estava me levando a uma investigação muito *cognitiva*, o que não me agradava nem um pouco!

Participando dos seminários do Núcleo de Educação, Currículo e Ensino (NECE), em virtude da temática da pesquisa desenvolvida, tive a oportunidade de empreender uma reflexão sobre o currículo, bem como de conhecer o amplo universo dos Estudos Culturais. Esses momentos permitiram que eu ampliasse a minha compreensão quanto à diversidade de saberes e valores que circulam na sociedade, os quais não são devidamente contemplados nas propostas curriculares.

Inicialmente, participei do projeto coletivo de pesquisa intitulado *Labirinto*, o qual se propunha a investigar a constituição do conhecimento sob quatro aspectos: não linearidade, experiência, diálogo e interdisciplinaridade. As primeiras conquistas dessa iniciativa pioneira foram apresentadas no XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte de Nordeste, em 2001, cujo trabalho completo, sob o título de *Labirinto: Metáfora do conhecimento*, foi publicado nos referidos Anais.

Devido à impossibilidade de conciliar as minhas atividades profissionais, com jornada de sete horas, com as acadêmicas, que eram variadas e, por vezes, demoradas, concluí pela impossibilidade de continuar e saí dessa pesquisa no final desse ano. O próximo passo seria a decisão de não mais investigar sobre a interdisciplinaridade, mas sobre o espaço escolar.

A partir da convicção de que o prédio é um dos elementos imprescindíveis para uma Educação de qualidade, empenhei-me na sua compreensão. É recente a preocupação dos historiadores acerca da sua importância para o sucesso de uma proposta pedagógica, a qual, durante muito tempo, se concentrava nos pressupostos filosóficos, sociológicos e históricos, além da formação do profissional, dentre outros.

Esse descaso com a dimensão física fez com que a compreensão do papel desempenhado pela arquitetura escolar no desenvolvimento de um projeto pedagógico fosse investigada. Compartilho, assim, da crença apresentada por vários estudiosos, de que há um currículo “oculto” do prédio escolar.

É a partir do seu corpo que o Homem tem consciência de si e do mundo. Negá-lo é, portanto, eliminar a única possibilidade de realização da sua transcendência. Poder-se-ia pensar que a descorporalização que se assiste nas escolas, com a não consideração da dimensão corporal (e da afetiva) dos alunos não encontra amparo na sociedade, tendo em vista a excessiva valorização do corpo pela nossa sociedade.

É fácil perceber, contudo, que esse fetiche, essa adoração da casca humana, é fútil, tendo em vista que as emoções não são merecedoras da mesma atenção pelo mercado



consumidor, afinal, (ainda) não se vendem, no *shopping*, por telefone ou via internet, 10g de auto-estima, nem 3k de compaixão, ...

Hoje compreendo que o que vivi na escola e na universidade não é um acontecimento isolado, mas é o produto de uma “fábrica” que tem como objetivo principal, não o ensino de saberes, mas a domesticação, a repressão das faculdades mais tipicamente humanas: a sensibilidade, a criticidade e a solidariedade. Desencarnar as pessoas: eis o programa da Educação.

Para tanto, essa “indústria” adota padrões de comportamento, rituais, que objetivam, mediante a repetição sistemática, ensinar às novas gerações a aceitar a padronização (de forma, de conteúdo) como a maneira normal de existir, a qual permite, por um lado, um maior controle e disciplina, e, por outro, o embotamento da criatividade, da contestação.

Numa concepção educacional baseada na mera transmissão do conhecimento, no esquema pergunta-resposta, qual o sentido em se falar de percepção? Para que reconhecer o diferente e fomentar o seu desenvolvimento? Dá muito mais trabalho reconhecer que todos os alunos são diferentes!

A violência que hoje assusta a escola não é somente uma manifestação dos conflitos da sociedade invadindo o seu espaço antes respeitado. Ela é, também, um produto seu, uma vez que, normalmente, a sua prática nega aos agentes o direito de se reconhecerem como sujeitos, não somente epistêmicos, mas desejantes, críticos e criativos.

A escola precisa ser um local de apropriação, de construção de subjetividade e não de alienação. Necessário, pois, é que os alunos sejam incentivados a produzir e a divulgar suas elaborações, tanto para que a comunidade possa com eles aprender, como para que os formuladores de conhecimento sejam valorizados, aumentando, assim, o autoconceito. A escola precisa ser, nos termos da Psicologia Ambiental, cada vez mais um ambiente “sociopeta” (que aproxima as pessoas), afastando-se da sua proposta “sociofuga” (que as afasta).

Aprender não é somente pensar, mas envolve emoção, ação e percepção, enfim, todo o ser. Para tanto, o Homem precisa se relacionar com o mundo, o qual não é um dado objetivo, inerte, à espera de ser entendido igualmente por todas as pessoas, mas assemelha-se a uma mandala, em constante transformação, pois é interpretado, simbolizado, diferentemente por aquelas, em virtude da capacidade humana de abstrair.

Conhecer (em latim, *com-scire*, “conhecer juntos”) é um fenômeno social ocorrente por intermédio da linguagem, sendo a escola um espaço construído com a finalidade específica de propiciar que esse processo aconteça de maneira mais efetiva e produtiva do que

na sociedade de um modo geral. O prédio escolar, portanto, deve contribuir para que essas expectativas, expressas no currículo, sejam atingidas.

Em novembro de 2003, por ocasião do I Colóquio Internacional de Políticas Curriculares, apresentei o trabalho *Espaço escolar: o que ele ensina. Uma investigação das relações entre os projetos pedagógico e arquitetônico*, que está na íntegra nos Anais do evento.

A vida humana é mais complexa do que se pode, ingenuamente, pensar, pois atrás (ou embaixo) de cada ação ou discurso há sempre aspectos implícitos, que não se revelam facilmente, sendo necessária intensa e profunda investigação, tal como aquela empreendida por arqueólogos.

O espaço não é apenas um substrato material do devir humano, mas é um dos seus elementos constitutivos. Assim, investiguei a importância da relação estabelecida pela Humanidade, desde os nossos primatas, com a natureza, o meio ambiente, no esforço de compreendê-lo, decifrá-lo, porquanto o mundo se apresenta, continuamente, para ela como grande mistério.

Essa jornada de conquista se manifesta(va) em duas dimensões: por um lado, no maior domínio da natureza, na descoberta de suas leis, da sua lógica; por outro, no próprio desenvolvimento do Homem, que se expressava na complexidade das suas funções cognitivas, na estruturação da vida social (incluindo os aspectos afetivos, sexuais e culturais) e na crescente dominação do espaço circundante.

Daí o título do trabalho: *O Homem e a conquista dos espaços*. Por conquista, porém, não quero expressar a idéia de subjugar, de dominar, no sentido de explorar, expropriar. Muito pelo contrário! Inicialmente, ressalto ser esse acontecimento processual, pois nunca se esgota. Outro aspecto está na relação que o Homem estabelece com o meio-ambiente, a qual, através do seu corpo, possibilita-lhe formular significados (de si e do mundo) e não adotá-los, num movimento de apropriação e não de alienação. A dimensão temporal, embora não tenha sido explicitada, é que permite a ele, continuamente, prosseguir na sua aventura ontológica, concebendo e refazendo o conhecimento.

Publiquei em 2005, num livro coletânea do NECE/UFC, o artigo *Interdisciplinaridade: tateando de olhos abertos*, o qual, por ter sido escrito após o meu ingresso no curso, apresenta as minhas primeiras idéias sobre o tema. São enunciadas possibilidades e limitações, então percebidas, de se levar adiante a proposta interdisciplinar.

Já está pronto, à espera do volume de 2006, o artigo *As raízes e os frutos da disciplinaridade. As sementes do currículo holístico*. Nessa produção, analiso com mais

profundidade a proposta interdisciplinar, que se revela, por vezes, uma perpetuação da cisão entre as formas de conhecimento. Assim, sugiro a adoção de um currículo holístico, o qual valoriza a interação do Homem com o meio-ambiente sob a égide de uma ecologia ecocêntrica e não mais antropocêntrica.

Recentemente, dois artigos foram publicados no livro *Construtivismo e Educação Contemporânea*. O primeiro (*Reflexões sobre a relação professor-aluno a partir das pesquisas de Piaget e Vygotsky*) apresenta, sucintamente, algumas contribuições desses estudiosos e as conseqüências dessas no relacionamento entre os corpos docente e discente, tendo em vista a concepção processual do conhecimento. No segundo (*Avaliação – momento de angústia ou oportunidade de crescimento pessoal?*), faço uma síntese da minha Dissertação, com a apresentação de fundamentos que creio indispensáveis para uma Educação transformadora: diálogo, movimento, curiosidade, diversidade e dúvida.

## VISLUMBRES DE UM PESQUISADOR

### NOVOS HORIZONTES

(1) O Ensino, a pesquisa e a extensão.

*Novos Horizontes*  
Humberto Gessinger

Corpos em movimento, universo em expansão  
O apartamento que era tão pequeno não acaba mais  
Vamos dar um tempo, não sei quem deu a sugestão  
Aquele sentimento que era passageiro não acaba mais

Quero explodir as grades e voar  
Não tenho pra onde ir, mas não quero ficar  
Novos horizontes, se não for isto, o que será?  
Quem constrói a ponte não conhece o lado de lá

*Quero explodir as grades e voar  
Não tenho pra onde ir, mas não quero ficar  
Suspende a queda livre, libertar  
O que não tem fim sempre acaba assim...*

Falar do futuro é quase uma heresia, pois pressupõe a sua existência. De qualquer forma, vou aproveitar que a Santa Inquisição não queima mais os blasfemos.

(1) O Ensino, a pesquisa e a extensão

Pelo pouco que vivi e compartilhei com você, prezado leitor, creio ser notório que o meu compromisso é com a Educação de um modo geral. Minha maior paixão, todavia, é com a Educação pública, com a melhoria da sua qualidade, motivo pela qual tenho me dedicado, durante esses anos, a compreender as causas das suas mazelas, bem como as alternativas disponíveis (e também as que não estão!).

A situação da aprendizagem da matemática é debatida por muitos, matemáticos ou não, bem como várias são as alternativas formuladas para a reversão do quadro de fracasso. Conforme dados do SAEB 2003, o desempenho dos alunos do Nordeste da 4ª série nessa disciplina é vexatório: quase 70% deles estão na faixa intermediária (BRASIL, 2004, p. 41), evidenciando de forma categórica uma incompetência generalizada dos agentes envolvidos na Educação.

Não cabe aqui analisar amiúde o papel de cada um deles, o que quero destacar é o papel que os professores podem desempenhar na reversão desse quadro. Para tanto, políticas

educacionais distintas precisam ser desenvolvidas tanto para os que já estão em exercício profissional como para os que ingressarão. Há, todavia, algo em comum: a necessidade que eles articulem conhecimento matemático, realidade e epistemologia.

Para que isso ocorra, é indispensável que os educadores considerem a realidade dos seus alunos, permeada de contradições e dificuldades, as quais impregnam a maneira como o corpo estudantil valora o mundo. A cultura constituída na adversidade, na luta pela sobrevivência é tremendamente diferente daquela elaborada na fartura, no desfrute das iguarias.

Ao compreender isso, o professor precisa abandonar uma atitude de distanciamento e indiferença em relação aos saberes constituídos pelos sujeitos e procurar criar vínculos que permitam a comunicação profícua e intensa entre todos os envolvidos.

O ensino, a pesquisa e a extensão do Ensino da Matemática da FAGED/UFC devem estar voltados a cumprir o papel que se espera de um curso de formação de professores de uma Universidade Pública, localizada num Estado que detém índices vergonhosos que aproveitamento escolar dos alunos.

É claro que não postulo que a Universidade tenha o poder de transformar essa realidade, desconhecendo as inúmeras determinações sociopolíticas e econômicas. Acredito, todavia, que é possível contribuir na melhoria da formação dos profissionais de educação matemática que militam nas escolas públicas. Assumo o compromisso de articular as minhas atividades de ensino, pesquisa e extensão, com o Projeto Político-Pedagógico da FAGED/UFC. Esse será o norte da minha atuação acadêmica nesta Universidade.

Afinal, de que vale estudar tanto, mergulhar nas profundezas das correntes teóricas, se não for movido pelo desejo de contribuir, de alguma forma, para melhorar nossa maneira e nossa condição de ser e de viver? (DIAS, 1998, p. 17).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ARTIGOS E LIVROS

BARGUIL, Paulo Meireles. *Há sempre algo novo!* Algumas considerações filosóficas e psicológicas sobre a avaliação educacional. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

BARGUIL, Paulo Meireles. *O Homem e a conquista dos espaços - o que os alunos e professores fazem, sentem e aprendem na escola.* 2005. Tese (Doutorado em Educação). Fortaleza, UFC.

BRASIL. *Resultados do SAEB 2003 – Brasil e Ceará.* Brasília, 2004.

CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de Hermêutica.* Tradução Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EPU, 1973.

DIAS, Ana Maria Iorio. *A Compreensão de conteúdos no contexto da sala de aula: desfazendo, na formação docente, uma cadeia de mal-entendidos em conceitos de História e Ciências.* 1998. Tese (Doutorado em Educação). Fortaleza, UFC.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança.* 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação.* Campinas: Papirus, 1994.

## CATÁLOGO

### LETRAS DE MÚSICAS E PENSAMENTOS

- 02 → Beto Guedes & Ronaldo Bastos. O Sal da terra. Beto Guedes. *O talento de Beto Guedes*. EMI. 1991.
- 04 → Raul Seixas & Paulo Coelho. Eu nasci há 10 mil anos atrás. Comando Negro. *Raul Seixas: “o início o fim e o meio”*. Epic. 1991.
- 07 → Zé Ramalho. Chão de giz. Zé Ramalho. *20 anos – Antologia acústica*. BMG. 1997.
- 11 → Humberto Gessinger, Augusto Licks & Carlos Maltz. Várias variáveis. Engenheiros do Hawaii. *Várias variáveis*. RCA. 1991.
- 26 → Humberto Gessinger. Novos horizontes. Engenheiros do Hawaii. *10.000 destinos*. Universal. 2000.